

**'OS LUSÍADAS'**  
+ CONTO EXCLUSIVO DE JOSÉ LUÍS PEIXOTO

CANTO  
V  
Livro  
€0,50  
(cont.)



RESGATE NA AMÉRICA  
AS MULHERES QUE  
VIVERAM 10 ANOS  
EM CATIVEIRO



www.visao.sapo.pt N.º 1053 • 9 a 15 de maio 2013  
Continente e ilhas: € 3,00 • Semanal

20  
anos

# VISÃO



4.º DVD  
'DOWNTON  
ABBEY'  
+ €5,95  
(CONT.)



## GUERRA DENTRO DE PORTAS

Porque Passos Coelho e Paulo Portas  
ainda seguram a coligação. Em quantas  
fações se divide o Governo. Como se  
aperta o cerco a Vítor Gaspar

OPINIÕES DE MARQUES MENDES, LUÍS AMADO  
E RICARDO ARAÚJO PEREIRA

FENÓMENO

Os novos músicos  
de Angola

HISTÓRIAS + TESTE

Segredos dos  
introvertidos



FOTOMONTAGEM: JORGE COSTA



A caminho...  
Ao fundo, o *Trafaria Praia* no dia em que começou a sua viagem para Veneza. Ao lado o interior mágico que Joana Vasconcelos lhe inventou e os azulejos que serão colocados já em Itália

FOTOS: ALVARO GONCALVES

## Portugal *flutuante*

Joana Vasconcelos largou âncora: o cacilheiro *Trafaria Praia*, transformado em obra de arte para representar Portugal na Bienal de Veneza, sulca já as águas. Mulher ao mar, num mergulho ambicioso e arriscado

POR SÍLVIA SÓUTO CUNHA

**D**ir-se-ia que esta aventura é uma espécie de *Vinte Mil Léguas Submarinas*, inspirada no *Nautilus* do visionário Júlio Verne. Mas contabilize-se antes um milhão e meio para este barco português (construído na Alemanha...), contas feitas em euros, numa navegação à vista e com o orçamento ainda em aberto. O *Trafaria Praia* deixou para trás o seu passado como transportador de passageiros entre as margens do Tejo e o destino previsível de carcaça abatida, transformando-se num «pavilhão flutuante» que ficará nos Giardini da 55.ª Bienal de Veneza (aberto ao público a partir de 1 de junho). Este conceito original emergiu também porque Portugal não renovou o aluguer do pavilhão que costumava ocupar em Veneza. Esse foi o primeiro baixio dos muitos que a artista plástica portuguesa, nascida em Paris em 1971, e o

curador Miguel Amado enfrentaram após o convite da Secretaria de Estado da Cultura para serem os representantes de Portugal na feira de arte internacional – um projeto adiado desde que, em 2000, ambos defenderam uma redefinição da representação na Bienal de Veneza como plataforma de afirmação para jovens artistas.

Joana Vasconcelos já não é a «jovem artista» nem marinheira de primeira viagem. Esta é, aliás, a sua quarta participação na Bienal de Veneza, desde que, em 2005, aí mostrou o célebre lustre feito de tampões *A Noiva*. Mas, diz ela, desta vez é diferente: «As pessoas dizem-me: 'Ah, você é uma espécie de embaixadora portuguesa.' Um dos grandes objetivos da minha vida era mesmo representar Portugal na Bienal de Veneza. Tu deves ao teu país, o lugar das tuas raízes, mostrares quem és.»

A estratégia assumida por artista e curador distanciou-se da noção de «pavilhão perdido a que não se presta muita atenção». Explica Miguel Amado: «Nós não queríamos fazer mais uma exposição. A ideia era que o projeto refletisse o que é representar Portugal naquele contexto de 96 países presentes. Como é que se mostra a ideia de um país?» A reflexão transportou-o para uma Veneza transformada em obra de arte, com a sua circulação possível entre canais, e para uma «ideia de desterritorialização», que ecoa as trocas entre países e o mundo global da arte. Partiu-se da terra para a água. O barco também carrega um discurso universalista: «O cacilheiro é um *ferry*, presente em muitos países, a começar pelo *vaporetto veneziano*», recorda Amado. E a «ideia de coletivo» está presente em todo o projeto: é a «comunidade que se vai mostrar» na Bienal, o elemento de comunicação entre povos e margens.

### O 'iate da infância'

«Mas havia ainda o risco de sermos um projeto falhado, um barco que fica atracado e finge ser barco mas que, na verdade, não o é», descreve Miguel Amado. «Sem navegação, não há conquista», observa Joana Vasconcelos. Daí que o *Trafaria Praia* vá fazer várias deslocações diárias pelos canais venezianos.

E que seja uma sala-convés com conferências e concertos – um risco a que se junta o da «loja de museu», onde serão vendidos quer os produtos *gourmet* e tradicionais da loja *A Vida Portuguesa*, quer o *merchandising* com a marca Joana Vasconcelos. A jangada pode soçobrar perante o peso de tanto símbolo lusitano? Esta questão não preocupa nem a artista plástica nem o curador. «É a obra de arte mais arriscada que a Joana já fez, por todas as valências e investimento que implicou. A Joana é, aqui, uma espécie de regente de orquestra: o cacilheiro mobilizou engenheiros navais, operários da Transtejo, consultores náuticos, a fábrica Viúva Lamego que forneceu os azulejos...», diz Amado.

O cacilheiro foi ressuscitado no estaleiro da Naval Tagus, onde os operários descascaram o casco da pele de moluscos acumulados, repararam a estrutura e forraram de cortiça o convés. O projeto tornou-se (mais) possível graças aos dinheiros privados, acrescentados aos cerca de 175 mil euros oficiais providenciados pelo Estado português: a Transtejo cedeu o barco, a Galp ofereceu o combustível (300 mil euros, valor avançado pela artista plástica), o Grupo Amorim tratou da cortiça, a empresa Douro Azul assumiu o transporte e a tripulação (uma equipa de dez pessoas durante os seis meses de duração da Bienal). Houve, ainda, apoios espontâneos, como o do presidente da empresa Admar, ligada a produtos petrolíferos e a boa vontade de comerciantes que fizeram descontos nos materiais. E uma história especial: a do cheque de mil euros, enviado por uma reformada, acompanhado por uma carta onde aquela afirmava o orgulho pela recuperação do seu «iate da infância».

A obra-instalação *Trafaria Praia* terá, no exterior, azulejos com uma paisagem que vai da Ponte Vasco da Gama até ao Bugio. É a recriação contemporânea (desenhada por Jorge Nesbitt) do Grande Panorama de Lisboa, painel de Gabriel del Barco guardado no Museu do Azulejo, representativo da Lisboa pré-terramoto de 1755. As entranhas do cacilheiro são experiência sensorial: um *patchwork* de tecidos, rendas, franjas e crochês, forram os tetos baixos e as protuberâncias gigantes, penduradas nas paredes – «casulo», «alcofa», «gruta do fundo do mar», em tons azuis e brancos e luminescências providenciadas por leds, material que Joana Vasconcelos quer explorar («já me estou a imaginar a fazer *bué* de

coisas com luzes!»). «Este é o passo seguinte na minha obra. Com *As Valquírias* [peças de tentáculos gigantes, penduradas no teto], andávamos à volta e debaixo da obra. Neste projeto entramos nela. Há aqui um lado de *Moby Dick*...», explica. Estamos dentro da barriga da baleia, como o Jonas bíblico.

### Barco do (des)amor?

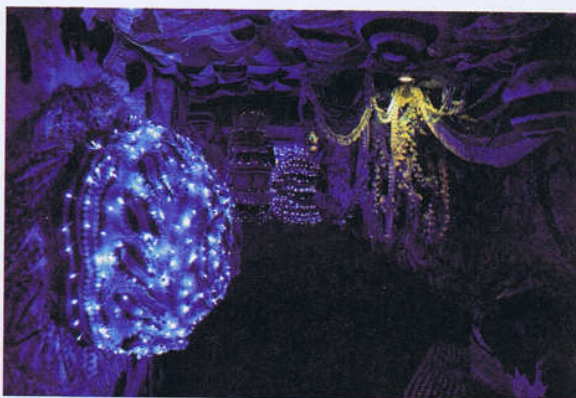
O vocabulário formal aqui usado é «consistente» com o percurso de Joana Vasconcelos, segundo a historiadora de arte e professora Raquel Henriques da Silva: «Ela trabalha com pontos de partida que se relacionam com uma cultura portuguesa, refletindo, recriando e questionando. Cria obras que têm componentes de *ready-made*, de reconversão de materiais conhecidos. Por outro lado, a Joana opta, muitas vezes, pelo efeito absoluto de surpresa. A mudança de escala, de função, de contextos, são temas fortes na

sua obra. O ter pegado num cacilheiro intervencionado como obra e como pavilhão, é uma ideia com ressonância.» E o risco? «Uma intervenção destas é um risco, claro, mas, como se viu no título da antológica no Museu Berardo, *Sem Rede*, ela gosta desse risco. Lida com alguma crítica mais *mainstream*, com os encargos financeiros de um projeto desta escala; gosta do confronto com os grandes públicos e de provocar questões. Se isso é considerado, por alguns, como um facilitismo, eu não concordo.» À data em que a VISÃO publica este texto, ainda falta dinheiro para a programação prevista para os seis meses de Bienal, e aguardam-se os resultados do jantar de angariação de fundos, em que se empenharam o presidente da Câmara de Lisboa, António Costa, e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Paulo Portas.

Entre Lisboa e Veneza distam 1 034 milhas náuticas, que estão já a ser percorridas pelo *Trafaria Praia*, rebocado pelo ferugento *Princeton*, durante cerca de duas semanas. À chegada a Itália, será feita a colocação dos 7 mil azulejos no casco exterior. Esta obra é a espuma que coroa o *tsunami* Vasconcelos, criado pela triunfante exposição no Palácio de Versalhes, em 2012, que somou um milhão e meio de visitantes; pela mostra individual agora patente no Palácio da Ajuda, que já contabilizou cerca de 50 mil visitantes num mês (correspondente à média anual da bilheteira do palácio) ou por obras monumentais como o *Lilicòptere*, helicóptero forrado de plumas de avestruz, ouros e cristais. Águas movediças, segundo alguns, que até manifestaram o desejo de que o cacilheiro se afunde, literalmente. «A Joana coloca a questão, sempre difícil no nosso país, que é a da receção crítica da obra que se faz, o alargamento da ressonância para lá dos públicos expectáveis, e a sua passagem para a rua, o debate amplo», refere Raquel Henriques da Silva. E acrescenta: «Haverá quem pergunte: 'O que é que interessa que uma pessoa

sem cultura artística diga que gosta muito de Joana Vasconcelos?'. Eu acho interessante: é melhor as pessoas dizerem que conhecem a Joana do que responderem que não conhecem artista contemporâneo nenhum. Como é que ela vai evoluir a partir daqui? Não sei. A Joana é uma caixa de surpresas.»

Veneza terá uma palavra a dizer. Mas Joana já dobrou um cabo da Boa Esperança: a história épica desta obra já ninguém lha tira. ▣



**‘É a obra de arte mais arriscada que a Joana já fez, por todas as valências e investimento que implicou’, diz Miguel Amado**